

SOMOS VÁRIOS,
SOMOS DIVERSOS,
SOMOS COLORIDOS.

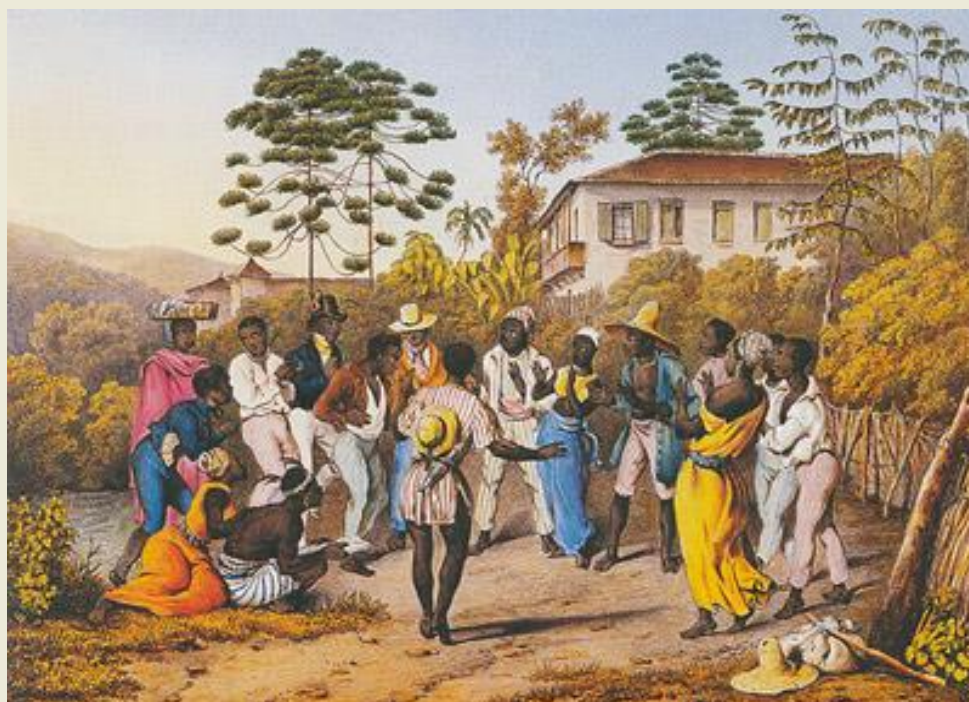
INFORMATIVO DO GRUPO IDENTIDADE DA FUNDAÇÃO HEMOMINAS
FEVEREIRO | 2022 | EDIÇÃO 007



Musicalidade Afro-Brasileira

Como Instrumento de Luta e para a construção das bases da Música Popular Brasileira

Márcia Renata Braga, Psicóloga/ Ouvidoria HBH | Sandra de Souza, Procuradoria/PRE



Batuque, 1835 Johann Moritz Rugendas

*“Ó abre alas
Que eu quero passar
Ó abre alas
Que eu quero passar
Eu sou da lira
Não posso negar
Eu sou da lira
Não posso negar”
(Chiquinha Gonzaga, 1899)*

A musicalidade é um dos componentes mais fortes da cultura afro na sociedade brasileira. Na África, as músicas marcavam o tempo do trabalho coletivo. Afinal, era por meio da oralidade, a marca das antigas civilizações, que se transmitia o conhecimento para as novas gerações.

Como elemento cultural intrínseco à formação da identidade africana, a musicalidade também foi um dos mais importantes instrumentos de resistência à escravidão. Nas plantações de algodão dos Estados Unidos, nas lavouras de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro ou nas minas subterrâneas do sudeste do Brasil as músicas entoavam planos de fuga, estratégias de sobrevivência de Quilombos e sonhos de volta à liberdade na amada África.

A dança ancestral permitia que os escravizados se comunicassem de forma que só eles pudessem compreender entre si.

A musicalidade afro nos Estados Unidos embalou o Movimento pelos Direitos Civis e fim da segregação racial nos anos 1950. E da resistência negra nasceu o rhythm and blues, o soul, o rock and roll, o rap, o hip hop que ainda hoje embalam festas por todo mundo.

No Brasil, também foi a musicalidade de raiz africana que forneceu os mais belos elementos da cultura de resistência brasileira, desde as trovas nordestinas e samba de roda, do forró ao samba, rap, hip hop, funk e tantos outros estilos musicais marcados pela presença destes elementos.

Como podemos perceber na letra de Nelson Sargento, abaixo:

Samba agoniza, mas não morre / Alguém sempre
te socorre / Antes do suspiro derradeiro / Samba
negro, forte, destemido / Foi duramente
perseguido / Na esquina, no botequim, no terreiro /
Samba inocente, pé no chão / A fidalguia do salão /
Te abraçou, te envolveu / Mudaram toda a tua
estrutura / Te impuseram outra cultura / E você
nem percebeu

(Nelson Sargento)

No entanto, a nossa ancestralidade e cultura são transformadas, de forma preconceituosa, em símbolos de violência.

O samba e a capoeira, os mais celebrados elementos culturais brasileiros, já foram considerados crime. Desde os tempos do Império – antes da Independência – praticantes de capoeira e sambistas eram presos por praticarem “vadiagem” ou “não tomar uma ocupação honesta e útil de que possa subsistir, não tendo renda suficiente”.

Mesmo com todas as lutas sociais contra a discriminação racial praticada por indivíduos e pelo Estado, a cultura negra ainda é vista como uma espécie de crime. Questiona-se: "Tal interpretação justificaria, ou serviria como base, para o ataque reiterado de aparato militar do Estado Brasileiro às comunidades e aos bailes funk? Sem direito de organizar suas próprias festas, que geram trabalho e renda nas comunidades, além de fortalecerem a autoestima negra, artistas, organizadores, frequentadores de bailes funk estão sendo presos, assassinados e silenciados pelo Estado.

O crime de racismo se reproduz de diversas formas, desde a falta de políticas públicas positivas (saneamento básico, acesso à educação, segurança, saúde e moradia) onde se concentra a população negra), à tentativa de impedir as manifestações artísticas que tenham ligação com a influência da negritude na sociedade brasileira. Há ódio contra qualquer produção cultural que envolva negritude e, especialmente, que venha das regiões periféricas.

Música e Dança

Na música, a cultura africana contribuiu com os ritmos que são a base de boa parte da música popular brasileira. Gêneros musicais coloniais de influência africana, como o Lundu, terminaram dando origem à base rítmica do maxixe, samba, choro, bossa-nova e outros gêneros musicais atuais. Também há alguns instrumentos musicais brasileiros, como o berimbau, o afoxé e o agogô, que são de origem africana. O berimbau é o instrumento utilizado para criar o ritmo que acompanha os passos da capoeira, mistura de dança e arte marcial criada pelos escravizados no Brasil colonial.

Lundu: O avô de toda música brasileira

Já muito popular em meados do século XVIII e descrito nas Cartas Chilenas do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, de 1787, o Lundu é o resultado de uma confluência intercultural única e tem uma proveniência adversa. Sabe-se que deriva da musicalidade dos negros de Angola e do Congo, de quem o Lundu herdou o batuque, o acompanhamento marcado por palmas, o canto coletivo de um refrão, a sensual umbigada e o requebrado dos quadris, o que explica a repressão oficial das apresentações de dança em locais públicos.

A dança denominada Batuque chegou ao Brasil com os negros escravizados. No Brasil, aliás, "batuque" se tornou um termo genérico para denominar todas as manifestações dos negros e foi dessa manifestação que se originaram muitas outras práticas dos negros, inclusive, o que depois foi chamado de "Lundu".

A Umbigada, citada acima, faz parte da coreografia do Lundu e consiste no encontro dos dançarinos no qual eles encostam seus corpos na altura do ventre, ou seja, como um choque entre os ventres, ou seja, umbigos. Em quimbundo (língua do grupo banto, falada em Angola) a Umbigada se chama Semba, palavra que hoje corresponde a uma dança e música angolanas e que no Brasil originou a palavra "samba".

No Lundu os músicos e demais participantes se organizam em roda, na qual todos acompanham com cantos e palmas e a dança flui. Em meio a esse clima de música e dança um participante se destaca da roda, vai para o centro dança individualmente e posteriormente escolhe um participante do sexo oposto para substituí-lo; nesse momento, esse par de dançarinos que está no centro da roda dançam de par ou

separados, instante em que pode acontecer a umbigada e em seguida, o primeiro dançarino volta a integrar a roda.

Houve uma maior aceitação do Lundu do que outras manifestações dos negros da colônia, especialmente as religiosas, os chamados "calundus". "Kalundu", aliás, é visto como aportuguesamento de "Kilundu" (do quimbundo). O termo "lundu" pode ter origem nesse termo "calundu", o que ocorreu não só no Brasil, mas também em Angola.

Com o advento dos fonogramas, o Lundu foi o primeiro gênero musical gravado no Brasil, sendo o Lundu Isto é Bom, de Xisto Bahia, interpretado por Bahiano, o primeiro registro fonográfico brasileiro, gravado em 1902.

Entre finais do século XIX e inícios do século XX, o Lundu foi cedendo espaço para o maxixe, especialmente nas representações dos teatros de revista. O Lundu é considerado pai do Maxixe e, conseqüentemente, avô do Samba, mas podemos, de uma forma geral, ao lado da modinha (avó), chamá-lo de avô de toda a música popular brasileira

Samba

Samba é o estilo e gênero musical mais popular dos últimos séculos e produzido posteriormente para o carnaval no Brasil. O ritmo é resultado de uma fusão entre estilos musicais africanos e brasileiros e surgiu na Bahia, tendo sido levado para o Rio de Janeiro no final do século XIX, onde se desenvolveu.

Com a assinatura da Lei Áurea em 1888, muitos escravos libertos se dirigiram para a capital do país, então situada no Rio de Janeiro, em busca de oportunidades de trabalho. Foram essas pessoas, antigos escravos agora livres, que levaram o ritmo embrionário da Bahia para o Rio de Janeiro.

Os sambas - as festas - duravam a noite inteira e eram, em geral, frequentados por boêmios, operários do cais do porto, ex-cativos, capoeiristas, descendentes de escravos, um grupo bastante variado. Esses encontros animados, com homens e mulheres, eram chamados popularmente de sambas. Samba, por isso, não era originalmente o nome de um gênero musical, mas era usado para designar um tipo de evento.

Os sambas tinham, portanto, uma função social de interação entre grupos marginalizados e eram altamente vigiados pela polícia, que pretendia manter um controle da situação.

Quando os negros africanos de origens diversas se encontravam, cantavam para tentar sobreviver à dura vida que levavam. O Samba existia e resistia, também como forma de curar as feridas causadas pelo preconceito.

A casa da Tia Ciata foi um símbolo importante para a cultura do samba: sua casa era um ponto de encontro e acolhimento para as pessoas negras recém-libertas que chegavam ao Rio de Janeiro. Da mesma forma, outras baianas abriram suas casas, e aqueles que eram excluídos encontravam os seus pares num espaço que lhes servia de porto seguro. A Tia Ciata abria frequentemente os portões da sua casa para convidados que faziam música e festa. A casa da Tia Ciata foi um dos berços do samba no Brasil.

A Bahia
Estação primeira do Brasil
Ao ver a Mangueira, nela inteira, se viu
Exibiu-se sua face verdadeira
Que alegria
Não ter siso em vão que ela expediu.
As Ciatas pra trazerem o samba pra o Rio
Pois o mito surgiu dessa maneira.
(Onde o Rio é mais Baiano – Caetano Veloso)

Uma das teorias sobre as raízes do samba está associada aos ranchos, a palavra portuguesa que descreve um grupo de pessoas. No início do século passado, surgiu a primeira organização de um rancho, e a ideia de organização foi substituída pela palavra escola. Com o objetivo de alcançar uma ampla audiência brasileira, os membros dos ranchos (constituídos principalmente por afro-brasileiros) mudaram o nome, e no início da década de 1920, os ranchos passaram a ser chamados de escolas de samba, alcançando rapidamente a comunidade brasileira em geral. A composição de Chiquinha Gonzaga (1847-1935) "Ó abre alas", de 1899, foi a primeira melodia escrita para os ranchos e foi interpretada pela Associação Rosa de Ouro.

Um dos fatores que ajudou a popularizar a cultura do samba foram os primeiros desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro, que aconteceram no princípio da década de 1930.

Durante as primeiras décadas do século XX, o samba era considerado música inferior, primitiva e lasciva. A partir dos anos 1930, com a Era Vargas, tornou-se símbolo da nacionalidade. Durante esse período, houve "incentivos ao carnaval das escolas e a utilização da recém-inaugurada radiodifusão", ajudando "a expandir o gênero nacionalmente". Esse movimento na Era Vargas é um pano de fundo e, mesmo, um incentivo ao "embranquecimento" do samba, que penetra no imaginário como símbolo da identidade nacional, da miscigenação e da brasilidade.

Fica explícita a postura de sambistas contra essa expectativa nacionalista. Nelson Cavaquinho sugeriu uma outra via ao cantar os versos "tire seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor".

A história desse ritmo está marcada também pela melancolia, como assim ficou registrado no samba a "Flor e o espinho" (A música "Flor e o espinho" é de autoria de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito). Leci Brandão com sua música "Zé do Carço" propõe uma crítica social explícita à exclusão, invisibilidade, à humilhação. "Zé do Carço" é o herói do morro, da favela, dos esquecidos. Esse herói

destrói o mito da brasilidade paradisíaca. Ambos os sambas são compostos no período pós-Vargas, e por meio deles é possível refutar a tese da harmonia dos contrários e da democracia racial que pretendia habitar o imaginário brasileiro.

ACONTECEU

Elza Soares

Elza Soares da Conceição (1930-2022) foi uma cantora e compositora brasileira. Um dos maiores nomes da MPB, Elza recebeu no ano 2000, em Londres, o título de "A Melhor Cantora do Universo", dado pela emissora BBC.

Famosa pela voz rouca, Elza Soares foi um dos maiores nomes da música popular brasileira. Sua história de vida conta com tragédias e reviravoltas memoráveis. Elza sempre explorou em suas canções temáticas sociais e raciais fortes. A cantora foi responsável por falar sobre a violência contra a mulher, o racismo e a história do Brasil, por exemplo. Sugerimos a música A Carne, belamente interpretada por Elza Soares, como uma reflexão sobre o racismo representado pela arte.

Ouçã aqui:

https://open.spotify.com/track/5cjmge1utiQLGaPaRDjATo?si=qfKQltopS0u86AZC4vDsCA&utm_source=whatsapp

Documentário sobre Elza Soares

A diretora Elizabete Martins Campos lançou em 2018 o documentário My Name is Now (2014), Netflix Brasil, onde narra a história da cantora.

SAIBA MAIS SOBRE O TEMA:



- Azevedo, Amailton Magno Samba: um ritmo negro de resistência. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros [online]. 2018, n. 70, pp. 44-58. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i70p44-58>
- CORRÊA, M.; FIABANI, A. A herança musical africana no Brasil. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 5, n. 1, 14 fev. 2020.
- A Influência Africana na Música Brasileira: Samba. Welson Tremura
- https://welsontramura.com/images/downloads/PT%20African_Influence_in_Brazilian_Music.pdf
- Entre ritmos e músicas: Discutindo a identidade afro-brasileira na docência compartilhada.
- <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviieeh/xviieeh/paper/viewFile/3276/2693>
- PORFÍRIO, Francisco. "Cultura africana"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/cultura-africana.htm>. Acesso em 17 de fevereiro de 2022.

- Criminalizar o funk é expressão de racismo da sociedade brasileira
<https://www.geledes.org.br/criminalizar-o-funk-e-expressao-de-racismo-da-sociedade-brasileira/>
- Biografia Elza Soares:
[https://www.ebiografia.com/elza_soares/#:~:text=Elza%20Soares%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20\(1930,nomes%20da%20m%C3%BAstica%20popular%20brasileira.](https://www.ebiografia.com/elza_soares/#:~:text=Elza%20Soares%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20(1930,nomes%20da%20m%C3%BAstica%20popular%20brasileira.)
- https://musicabrasilis.org.br/sites/default/files/artigo_lundu_jose-fernando-monteiro.pdf
- <https://www.culturagenial.com/historia-origem-samba/>
- SARMENTO, Alfredo de. Sertões D'Africa (Apontamentos de Viagem). Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1880.
- https://musicabrasilis.org.br/sites/default/files/artigo_lundu_jose-fernando-monteiro.pdf
- <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/1039-nos-primordios-o-lundu>
- https://africaeaficanidades.online/documentos/Samba_resistencia_reafirmacao.pdf



Sugestão de playlist – MPB Música Preta Brasileira:

https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DWWsfldwltZ7x?si=70zkzEofRUCxBd6T4OeM0Q&utm_source=whatsapp



CONTATO:

Caso tenha dúvidas, sugestões ou queira propor temas para as próximas edições, envie uma mensagem para: grupo.identidade@hemominas.mg.gov.br

Grupo Identidade – Fundação Hemominas

Adriana Nunes (Humanização/TEC e Ouvidoria), Camila Motta (PRE.ACS), Daniene Santos (Ouvidoria/PRE e Humanização), Débora Azevedo (GIF.AQE), Eder Luciano Vaz dos Santos (Fisioterapia Ambulatório/HBH), Januaceli Murta (GIF.AQE) Márcia Braga (Ouvidoria e Humanização HBH), Marcelle Rodrigues (AMB.ENF), Sandra de Souza (Procuradoria/PRE).

